



GABRIELA MAMODISI

PORTFÓLIO

SÉRIE MEL



SÉRIE MEL
atualizado - 2025

GABRIELA MAMODISI

BIO STATEMANT



Gabriela Mamodisi (São Paulo, 1986) brasileira naturalizada Chilena, é uma artista visual, performer e pesquisadora das poéticas da natureza cuja obra ressoa como um diálogo sensível e profundo entre o humano e o ambiente natural. Residente e atuante na metrópole paulistana, sua trajetória é um entrelaçamento de memórias ancestrais, identidade genética, investigações antropológicas e um compromisso ético com a planetariedade — alicerces que constituem um universo artístico plural, enraizado em territórios costeiros, articulado pela escultura, land art, ecoperformance e dança ritualizada.

De formação intuitiva desde a infância, sua trajetória tem início na adolescência, com experimentações na pintura e no graffiti, por meio de intervenções urbanas que dialogavam com as metamorfoses do espaço público. Já nesse momento, a artista demonstrava interesse pelas transformações do território e pela ancestralidade, temas que se tornariam centrais em sua prática.

Em 2012, fundou a Sustentabiliarte, iniciativa que promove a integração entre arte, educação ambiental e práticas ecológicas, inspirada pelos princípios da Carta da Terra. Sua atuação parte de investigações antropológicas, identitárias e ambientais, informadas por uma herança genética e cultural povos originários: mesoamericana, iorubá, asquenazes e romani.

Desde 2019, Mamodisi concentra sua pesquisa em um território específico do litoral norte paulista, sobretudo em Ubatuba, onde documenta o avanço do mar e suas implicações ambientais. Neste contexto, coleta madeiras brutas tombadas pelas marés — corpos lenhosos impregnados de sal e tempo — que passam a integrar suas esculturas junto a elementos dos reinos vegetais, minerais e animais, como sementes, musgos, colmeias, argilas, metais e resinas. Suas obras operam como relicários da impermanência, ressignificando materialidades ancestrais frente às transformações climáticas e à erosão de identidades territoriais.

Destaca-se em sua produção a série dedicada ao ciclo das abelhas, polinizadoras essenciais à vida planetária, onde ceras e colmeias tornam-se metáforas da fecundidade, fragilidade ecológica e comunhão com o todo. Paralelamente, sua pesquisa performativa aciona o corpo como território de memória, reconexão e reexistência — evocando gestualidades de povos originários em rituais que tensionam o visível e o invisível, o político e o sagrado. A obra de Gabriela Mamodisi, em profunda sintonia com os princípios do Manifesto do Naturalismo Integral (1978), propõe a arte como gesto vital de escuta planetária, reencantamento do mundo e reinvenção de futuros possíveis.

Devido à minha relação com o mar e a natureza desde a primeira infância, noto que retomar essa conexão de forma artística e educacional, carrega uma potência pessoal sem frivolidades, porém uma coalizão de todas as fases da vida humana.

Encontrei na gama de linguagens artísticas uma forma de expressar meus sentimentos, alinhando com as experiências que venho atravessando no decorrer desta paixão pelo mar, o mundo vegetal e a NATUREZA. As árvores carregam uma simbologia ancestral e primitiva singular em qualquer território do planeta.

Na prática, busco preservar as peças respeitando o ciclo natural das marés. Observo nas madeiras se não há vestígios de vida marinha antes de retirá-las, do contrário elas permanecem. Na composição tento usar o máximo possível de matéria prima orgânica. E no processo natural de degeneração da obra não comprometa os ecossistemas.

CURRÍCULO

EXPOSIÇÕES

- 2025 35° Salão Bunkyo de arte contemporanea
- 2024 Exposição - Para falar de amor, Kura.Te - coletiva
- 2024 Exposição BATUME - Universo alquímico das abelhas - Casarão da FESPSP- individual
- 2023 Exposição Oceano Universo a Conhecer - A Galeria Ubatuba
- 2023 Museu Armando de Arruda Pereira - As marés que trazem - individual
- 2023 Pirâmide Arte - Exposição Dança dos arquétipos- com Marcelo Theodoro
- 2021 Emersão Artística Ecológica - Instituto Mata fria - coletiva
- 2021 Ocupação Nove de Julho, Kura.Te - coletiva

PERFORMANCES E FESTIVAIS

- 2025 Performance / Happenings - The Sun on Theirs wings - Cultivating Ensembles - Saint Elizabeth University Morristown, New Jersey, United States
- 2025 dança ritual - Mitakunah - Talampaya , Argentina
- 2024 Performance - MELava, Casarão da FESPSP- individual
- 2023 Dança Ritual - Ulimen - Salto, Uruguai
- 2022 Dança Ritual - Omsarah - Serra do Roncador, Mato Grosso
- 2022 Dança Ritual - Raposa - Instituto Torus - Chapada Diamantina - Bahia
- 2021 Manifesto - O grito da Natureza, Retrato do Colapso Ambiental
- 2021 Performance - Medusa, Barra Seca - Ubatuba
- 2021 Performance - Batismo, Emersão Ecologia Artística - Instituto mata fria
- 2020 Performance - Ervas para Gaia, Festival Love Peace Harmony
- 2020 Performance - Mangue, Barra Seca - Ubatuba
- 2020 Performance - Dharmakarma, Roraima - Lago Azul
- 2020 Happenings - Porco negro, Centro de São Paulo - Largo do Arouche
- 2020 Happenings - Defuma a linha, Centro São Paulo- Minhocão
- 2019 Dança Ritual - Ramayah - Laguna Blanca, Vulcão Lincancabur Bolivia

ARTIGOS E PUBLICAÇÕES

- 2015 Condecorada – Pacto Mundial Consciente : Sustentabiliarte
- 2016 Escreveu e Ilustrou o Livro: Sentimento tem cor ? Tem sim, senhor !
- 2016 Artigo: Caminhos para uma Ecoeducação Sustentável. UNIFREIRE
- 2021 Artigo: A arte como ferramenta para o alfabetizar ecológico. ETIS



FORMAÇÃO Acadêmica

- 2017 Pós em Arte-Terapia, UNESP
- 2012 Licenciatura Plena em Artes Visuais - FPA
- 2009 Design - Senac

CONCEITO

Na série MEL, iniciada em 2023, Gabriela Mamodisi entrelaça arte, biopolítica e memória em uma poética profundamente enraizada na escuta da natureza e nos enigmas simbólicos que habitam o ciclo das abelhas. As esculturas aqui apresentadas constituem uma cosmogonia sensível, onde os favos — alvéolos de precisão arquitetônica e orgânica — tornam-se dispositivos visuais de permanência, abrigo e linguagem.

Fruto de uma pesquisa expandida sobre o ciclo vital das abelhas e suas relações com os reinos vegetal, mineral e animal, a série adensa camadas simbólicas e materiais: colmeia, batume, mel, pólen, própolis, geleia real, cera e madeiras ancestrais resgatadas do mar — testemunhas silenciosas das alterações climáticas e da ação do tempo. A artista opta por integrar em sua prática escultórica apenas materiais que emergem do abandono e do fluxo natural: troncos submersos, devolvidos pelas marés como resquícios de florestas engolidas pelo oceano. Assim, Mamodisi reafirma uma ética da criação que rejeita a extração e acolhe a escuta, o reaproveitamento, o tempo e o gesto como dispositivos criativos.

A origem desta série é atravessada por uma memória fundante: a primeira picada de abelha sofrida na infância, à beira-mar, que — catalisada por uma alergia grave — transformou o medo da morte em um arquétipo psíquico de iniciação. O veneno, neste contexto, opera como limiar entre dor e cura, pulso e despertar. A artista reconstrói essa lembrança não como trauma paralisante, mas como ferida fértil, capaz de gerar um corpo de obra que tensiona os limites entre arte e vida, entre o visível e o invisível.

MEL instaura, portanto, uma cartografia do sensível: não apenas retrata abelhas como entidades ecológicas em risco, mas as reconfigura como símbolos de inteligência coletiva, estruturas matriarcais e potências de organização do mundo. A abelha-rainha surge como figura mítica de liderança e fecundidade, enquanto o enxame revela uma lógica de simbiose e interdependência que interpela diretamente a crise contemporânea de desconexão com os ritmos naturais.

Cada obra da série é atravessada por uma tensão delicada entre beleza e desaparecimento. Há, no gesto escultórico, uma espécie de luto transformado em celebração — como se o fazer artístico fosse também um modo de preservar, de lembrar e de resistir. Ao propor o favo como metáfora do corpo, da casa e do planeta, Gabriela Mamodisi propõe também uma reimaginação das formas de habitar: formas que, tal como as abelhas, trabalham o espaço com rigor, sensibilidade e intenção.

Mais do que uma ode às abelhas, MEL é uma crítica poética ao colapso ambiental e uma invocação à delicadeza como força vital. Em tempos de ruído, a série exige escuta. Em tempos de crise, propõe reconexão. E, sobretudo, inscreve a arte como território onde a fragilidade encontra potência — e onde o gesto simbólico se converte em gesto político e planetário.

SÉRIE MEL

Série MEL – O Arquétipo Alado e a Poética do Enxame

Iniciada em 2023, a série MEL, de Gabriela Mamodisi, constitui-se como um rito estético e simbólico de evocação das abelhas enquanto entidades alquímicas e arquitetas do invisível. Nesta investigação, a artista adentra os ciclos da vida e da morte, o equilíbrio entre veneno e doçura, pungência e cura — forças opostas que coexistem no corpo ínfimo e sagrado das abelhas. Elas são, nesta poética, mais do que polinizadoras: são mediadoras entre reinos, portadoras de uma sabedoria milenar que estrutura a continuidade da vida no planeta.

A obra nasce do entrelaçamento de uma memória visceral: uma picada de abelha à beira-mar na infância, que, por conta de uma alergia severa, transformou o medo da morte em um arquétipo latente. O veneno, longe de ser apenas ameaça, desencadeou um processo de transmutação interna — uma liberação de adrenalina que operou, no corpo da artista, como metáfora da iniciação: a picada como ferida e passagem. A partir dessa experiência, Mamodisi retoma o gesto alquímico de olhar para o trauma como matéria criativa, transfigurando-o em linguagem visual.

A série se ancora em uma pesquisa expandida sobre o ciclo das abelhas e suas interdependências com os elementos da natureza: flores, árvores, rochas, seiva, luz. A obra materializa a geometria mística dos alvéolos — os favos — enquanto linguagem orgânica de repetição e ordem, revelando neles não apenas funcionalidade biológica, mas um código ancestral de habitação e resistência. O favo, aqui, é casa, corpo e cosmos.

Ao integrar o mel, o pólen, o própolis e a imagem enigmática da abelha-rainha, Gabriela constrói uma cartografia sensorial que transita entre o mitológico e o ecológico. Suas obras soam como relicários de um tempo em ruína, onde a beleza das abelhas contrasta com a urgência de sua possível extinção. Cada peça é um chamado silencioso — uma elegia ao desaparecimento de um coletivo que sustenta a biodiversidade e, com ela, o próprio equilíbrio planetário.

MEL é, portanto, uma série em que o gesto artístico se converte em gesto ritual. A artista convoca o espectador à escuta dos ritmos sutis que regem a vida: o zumbido, o voo, o néctar, a dança. Há, nas obras, uma estética da reverência, da simbiose e da escuta profunda. Uma arte que se recusa a narrar a natureza como algo exterior, e sim como algo que pulsa dentro — e apesar — de nós.

Neste conjunto, Gabriela Mamodisi inscreve sua prática como ato ativista e espiritual: um reencontro com a potência simbólica das abelhas enquanto metáforas de uma inteligência coletiva, de um saber feminino e de uma estrutura sensível de mundo. MEL é, ao mesmo tempo, louvor e luto, invocação e alerta — uma oferenda àquilo que ainda pulsa, mas que, silenciado, pode cessar.



AMPULHETA INCLINADA EM MEL

mel, acrílico e resina vegetal e matéria orgânica (terra e pó de madeira)

1- 21 X 14 X 13 cm

2- 22 X 14 X 13 cm

Série: Mel

2024



ALVÉOLOS

madeira, minerais, latão, resina
vegetal e matéria orgânica (abelhas)

45 x 17 x 10 cm

Série: Mel

2024



VÍDEO



COLMEIA

madeira, minerais, resinas, cobre e
matéria orgânica (favo e abelhas)

matéria orgânica

180 x 47 x 23 cm

Série: Mel

2023



FRAGMENTO DE GELÉIA REAL

madeira, metal, resina vegetal, matéria orgânica (abelha, favo e ovo)

98 x 25 x 13cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



CERUME NA MADEIRA

madeira, metal, resina vegetal e
matéria orgânica (colmeia e abelhas)

177 x 105 x 20 cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo





VÍDEO



FAVO

madeira, cobre, minerais,
resinas e matéria orgânica
(favo e abelhas)

117 x 21 x 21cm

Série: Mel

2023



VÍDEO

ABELHA RAINHA

madeira, cobre, resina vegetal e
matéria orgânica (favo e abelha)

47 x15 x 5 cm

Série: Mel

2023



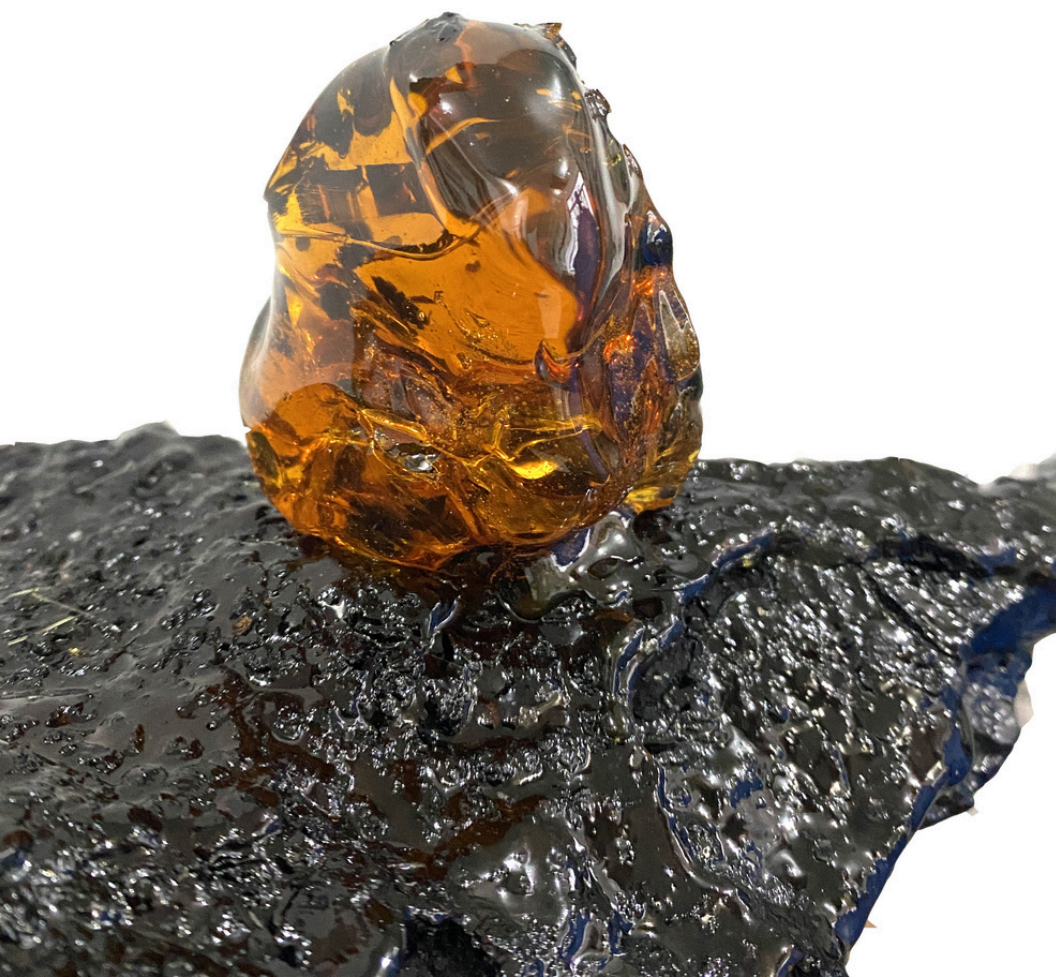
PÓLEN

madeira, minerais, resina vegetal,
cobre e matéria orgânica (polén,
abelha e favo)

117 x 21cm

Série: Mel

2023



ENXAME

madeira, cobre resina vegetal e
matéria orgânica (abelhas)

71 x17 x 12 cm

Série: Mel

2023



GOTAS DE PRÓPOLIS NA COLMEIA

madeira, mineral, resina vegetal,
matéria orgânica (colmeia e abelhas)

71 x 17 cm

Série: Mel

2023



INTERVENÇÃO HUMANA NA ARQUITETURA BIOLÓGICA

madeira, favo, batume e resina vegetal

81 x 49 x 6 cm

Série: Mel

2024el

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



O FERRÃO É VISCERAL

madeira, minerais, resinas e cobre

67 x 11 x 8 cm

Série: Mel

2023



BESOURO DA COLMEIA NA MADEIRA

madeira, metal, resina vegetal e
matéria orgânica (besouro e abelhas)

199 x 40 x 14 cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



ABELHA NO CUPINZEIRO

madeira, metal, resina vegetal e
matéria orgânica (abelha e favo)

86 x 25 x 17 cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



CÁLICES - A NATUREZA, O HOMEM

madeira, mel , vidro matéria
e orgânica (abelhas e favo)

23 x 51x 13 cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



COLÔNIA MELÍFERA

madeira, metal, resina vegetal,
matéria orgânica (abelhas)

79 x 40 x 40 cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



RECOMEÇO

Madeira, cobre, resina, cera de abelha e matéria orgânica (favo)

41 x 25 x 28 cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



FAVO DE MEL NA MADEIRA

madeira, metal, resina vegetal e
matéria orgânica (colmeia e abelhas)

175 x 40 x 20 cm

Série: Mel

2024



MEL CRISTALIZADO

madeira, metal, resina vegetal e
vidro

31 X 50 x 50 cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



CATIVEIRO INDUSTRIAL PELA POSSE DO MEL

madeira, mel, vidro e colmeia

62 x 56 x 57 cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo



BATUME NA MADEIRA

madeira, metal, resina vegetal e
matéria orgânica (terra e colmeia)

203 x 32 x 25 cm

Série: Mel

2024

obra exposta na Fundação Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo

conceito_ **MELava**

Performance - MELava, 2024

14/09/2024 - PM: 15:15

FESPSP - Fundação Escola Sociologia e Política de São Paulo

São Paulo , SP.

A performance MELava articula um jogo conceitual entre mel, lava e lavar, propondo o mel como uma “lava das abelhas”: uma matéria orgânica, dourada e viscosa que escorre sobre as esculturas, transformando e dissolvendo suas formas. Inspirada pela presença simbólica do mel na história humana — desde registros pré-históricos de coleta até suas dimensões mitológicas e culturais — a obra dialoga com narrativas como a da ninfa Melissa e o alimento sagrado do jovem Zeus, além das tradições do hidromel presentes entre povos celtas, escandinavos e do antigo Egito.

Na ação, o performer ingere uma mistura inspirada no hidromel e utiliza um objeto escultórico chamado chapéu-colmeia, criando uma microarquitetura onde cobre toda sua cabeça. Em seguida, duas esculturas da exposição BATUME — Mel Cristalizado (2023) e Recomeço (2024), feitas de madeira, resina vegetal e cera de abelha — são lavadas com mel. Esse gesto transforma o ato de lavagem em um processo de dissolução material, no qual o mel atua como agente de metamorfose. A destruição gradual das obras aproxima-se de práticas que evidenciam a impermanência das formas, como a dissolução ritual de mandalas de areia no Buddhism, deslocando a escultura do campo da permanência para o campo do acontecimento e da transformação.

Performance_MELava

A performance MeLava estrutura-se a partir de um campo semântico que articula mel, lava e lavar, instaurando uma reflexão material e simbólica sobre processos de transformação. O mel é aqui concebido como uma espécie de “lava das abelhas”: uma substância orgânica, dourada e viscosa que escorre, envolve e impregna a matéria, operando como agente de metamorfose. Tal como a lava vulcânica, que ao fluir redesenha paisagens e sedimenta novas formas geológicas, o mel atua na performance como um fluxo transfigurador capaz de alterar a integridade da forma escultórica.

A obra emerge de uma investigação sobre a presença do mel e das abelhas na longa duração da cultura humana. Registros arqueológicos indicam que a coleta de mel já figurava nas práticas de subsistência e imaginação simbólica da pré-história. Ao longo dos milênios, essa substância atravessou diferentes civilizações como alimento, medicamento e matéria ritual. Na mitologia grega, a figura de Melissa aparece vinculada à origem mítica da apicultura e à guarda do mel sagrado, enquanto narrativas associadas ao nascimento de Zeus relatam sua nutrição com mel durante o período em que foi ocultado para escapar da violência paterna. Paralelamente, a fermentação do mel originou o hidromel, bebida de larga difusão entre povos celtas, escandinavos e também conhecida no antigo Egito, frequentemente associada a práticas festivas, rituais e narrativas mitológicas.

A ação performativa inicia-se com a ingestão sequencial de seis pequenas doses inspiradas nesse imaginário apícola e nas propriedades do mel: (1) hidromel com pólen; (2) hidromel com noz-moscada; (3) hidromel com canela; (4) água, mel e própolis; (5) água, mel e gengibre; (6) água, mel e polén. Essa sequência instaura uma temporalidade ritualizada e estabelece uma progressiva incorporação sensorial das substâncias derivadas da colmeia.

Durante a ação, a artista Gabriela Mamodisi utiliza um objeto escultórico denominado chapéu-colmeia, um artefato de palha que envolve integralmente a cabeça e remete formalmente à arquitetura orgânica das colmeias. Esse dispositivo cria uma espécie de microarquitetura acústica, na qual a música reverbera internamente, orientando os deslocamentos corporais e instaurando um campo sensorial expandido.

A partir desse estado de mobilização corporal, duas esculturas provenientes da exposição BATUME — Mel Cristalizado (2023) e Recomeço (2024), constituídas por madeira, resina vegetal e cera de abelha — são conduzidas ao centro da ação. Sobre elas, o mel é derramado e utilizado como elemento de lavagem. O gesto evoca práticas históricas de ablução de imagens em diferentes tradições culturais, como o banho ritual de estátuas da divindade Krishna em contextos do hinduísmo. Contudo, na performance MeLava, a lavagem não visa a conservação ou purificação da obra, mas sua transformação material.

O mel — essa lava apícola — escorre pelas superfícies escultóricas e participa da dissolução gradual de suas estruturas. As resinas vegetais cedem lentamente, instaurando um processo de destruição controlada que desloca a escultura do regime da permanência para o campo da impermanência. Nesse sentido, a ação aproxima-se de práticas contemplativas que afirmam a transitoriedade das formas, como a dissolução ritual de mandalas de areia realizada por monges do Buddhism após sua elaboração.

No momento final da performance, Gabriela Mamodisi lava os próprios pés em uma bacia com água, gesto que se apresenta como signo de humildade e deslocamento hierárquico entre artista, obra e matéria. No chão do espaço performativo a artista escreve : “amor e ancestralidade”, articulando linguagem e corpo em uma inscrição poética no território da ação.

Como gesto de partilha sensorial e conclusão da experiência, flores comestíveis são oferecidas ao público presente, expandindo a dimensão coletiva da obra e reinscrevendo o ciclo entre natureza, corpo e cultura que sustenta a poética da performance MeLava.



Performance - MELava, 2024

14/09/2024

PM: 15:15

FESPSP - Fundação Escola Sociologia e Política de São Paulo

São Paulo , SP.

conceito_ **O sol nas asas delas**

Performance: O sol nas asas delas

Burburinho da Sustentabilidade: Arte, Abelhas e Consciência Planetária

25/07/2025 - 10:00 am

Saint Elizabeth University

Morristown, New Jersey, United States

A arte performance nesta proposta faz a relação da artista com o universo majestoso do ciclo das abelhas. Desta maneira, poderemos perceber que a metamorfose é evidenciada na apresentação, onde a artista cria uma relação entre a vida humana tentando evidenciar o cenário que as abelhas vivem hoje, devido uma possível extinção da espécie, pelo aquecimento global, agrotóxicos e tratamento insalubre para gerar polinização no agronegócio e produção de mel. Sendo assim a artista fará uma demonstração performática ao se metaforizar como uma abelha, tornar-se uma abelha para interagir com o público no momento da polinização e da produção do mel, mas evidenciado sua agonia e êxtase pelo cenário atual. O público terá interações sensoriais com a proposta da artista instigando os 5 sentidos pelo mel e pólen que serão a aliança simbólica do ser humano com a natureza. Após a vivência sensorial todos juntos iremos produzir uma obra com o mel, pólen, pigmentos orgânicos com água para produção da tinta natural que será traçada com giz carvão simbolizando as queimadas das áreas verdes, onde deveriam ser seu habitat natural. Uma pintura coletiva em um tecido de lino que ficará para o evento, assim iremos compor uma obra que receberá um nome do grupo de pessoas envolvidas é um conceito.

Performance_ **O sol nas asas delas**

Sol nas asas

Criar mel é participar de um rito solar, uma alquimia silenciosa onde o néctar e o pólen se encontram sob o toque dourado da luz. É no voo das abelhas — filhas do calor e do tempo — que florescem mundos invisíveis. Desde os antigos egípcios até os devotos do hinduísmo, essas criaturas têm sido lidas como pontes entre o divino e a matéria, capazes de transformar raios solares em doçura líquida. Há nelas um zumbido ancestral que desperta memórias esquecidas: deuses nascidos do néctar, cavernas que gestam o sagrado, colmeias como úteros da criação. Cada gota de mel é uma oferenda: um vestígio de milhões de flores, de milhares de voos, e de uma dança precisa que carrega o perfume da terra e o eco do céu.

O Corpo da Colmeia

Na intimidade da colmeia reina a ordem sagrada da rainha, nutrida pela geleia real, enquanto suas filhas obreiras — estéreis mas devotas — sustentam o ritmo da vida. É um mundo regido por química e instinto, onde cada gesto serve à continuidade. A estrutura hexagonal da cera é mais do que arquitetura: é poema de precisão, moldado com o próprio corpo, onde o conteúdo e o recipiente se fundem num só ser. No entanto, esse organismo coletivo, tão antigo quanto os mitos, hoje estremece. A industrialização da terra, o uso desenfreado de agrotóxicos e o desrespeito ao equilíbrio natural ferem suas asas. O campo, antes templo de flores e zumbidos, torna-se deserto silencioso. O que era dança, agora é agonia.

O Fim do Zumbido?

Se as abelhas cessarem seu voo, muito mais do que mel será perdido. Perderemos o fio que nos ligava a um tempo mais profundo, quando os humanos eram parte da natureza e não seus algozes. As abelhas, que outrora inspiravam visões de colmeias cósmicas gerando deuses, agora enfrentam uma extinção que grita em silêncio. A arte de fazer mel, tão meticulosa quanto sagrada, se vê ameaçada pela pressa e pelo veneno. Cabe a nós escolher: queremos um futuro onde apenas aprestam doces lembranças? Ou ainda somos capazes de proteger este fio dourado entre o sol, a flor e a vida? Que o zumbido das abelhas, ecoando em nossos ouvidos, nos desperte — antes que tudo se acalme



Performance/ happiness - O sol nas asas delas
Burburinho da Sustentabilidade: Arte, Abelhas e Consciência Planetária
25/07/2025 - 10:00 am
Saint Elizabeth University
Morristown, New Jersey, United States



7GAMA.COM

gabrielamamodisi@gmail.com

<https://www.instagram.com/gabrielamamodisi/>

+55 11 96652-5227